

Editorial

Discutir avaliação educacional requer compreender esse campo de conhecimento em sua amplitude, caracterizado, principalmente, por suas diversas dimensões e entrecruzá-lo com outros temas como qualidade da escola pública, direito ao cuidado e educação de qualidade, elaboração de políticas públicas, bem como formação de professores e gestores. Atualmente, reduzido pela mobilização em torno das críticas sobre a avaliação de sistemas de ensino, esse tema merece ser amplamente problematizado, investigado e debatido, na perspectiva de indicar formas de alcançar práticas avaliativas que tenham como foco principal o processo educativo e a emancipação do sujeito nele implicado.

É com essa intenção que a Revista *Olh@res*, do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP, apresenta o Dossiê ***Avaliação Educacional e Formação de Professores e Gestores da Escola Pública***.

O Dossiê, que compõe parte desse volume, em seu conjunto, reúne nove artigos que problematizam o tema avaliação educacional em suas diversas dimensões, tendo por base pesquisas desenvolvidas com foco nas avaliações de sistema, percorrendo a docência e chegando até as salas de aula.

Para iniciar a discussão, o artigo de autoria da professora Bernadete Angelina Gatti, da Fundação Carlos Chagas, trata sobre a trajetória histórica de iniciativas de avaliação de sistemas com o objetivo de explicar como as políticas de avaliação do Brasil se consolidaram na atualidade. O texto reúne informações importantes sobre modelos avaliativos adotados em alguns Estados brasileiros e que contribuíram para a concepção e implementação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB. Sem se furtar a críticas, mas não se atendo às de cunho ideológico, a autora identifica uma série de inconsistências de ordem filosófica, metodológica e pedagógica no atual modelo de avaliação de redes de ensino, chamando a atenção de gestores e pesquisadores sobre a urgência de se desenvolver estudos e discussões com profundidade, de modo a contribuir mais efetivamente com a gestão educacional e com os processos de ensino aprendizagem.

Nessa direção, contamos com a contribuição de três pesquisadores europeus. Sandra Benedetti, do Serviço de Política Familiar, Infância e Adolescência da Região Emilia-Romagna expõe uma experiência sobre avaliação institucional em creches e escolas da infância, da Itália. Como resultado das primeiras evidências do trabalho produzido sobre processos de hetero-avaliação, a autora indica quatro teses para uma avaliação de qualidade. Eusébio José Machado, em parceria com Martha Abelha, ambos da Universidade Portucalense do Porto, problematizam, frente às políticas públicas e ao impacto na construção da profissionalidade docente, o papel contraditório que tem assumido a avaliação de professores. Tendo por base análise de um acervo de pesquisas desenvolvidas em Portugal, os autores desvelam essa contradição ao destacarem a perda de espaço das narrativas emancipatórias sobre o papel do professor preenchido pela pressão por melhores performances. Discutem essa problemática analisando processos de avaliação centrados na escola e realizados pelos pares.

Na sequência, quatro artigos discutem processos de avaliação tendo como foco o professor, a docência e sua formação, problematizados no contexto de reformas educacionais centradas nos resultados. Claudia Madruga Cunha apresenta análise de um processo de qualificação docente que ocorre em parceria com a Universidade Federal do Paraná e a Secretaria Estadual de Educação.

Procura questionar como os professores do ensino básico avaliam as práticas de formação. Concluem que as reflexões decorrentes da avaliação destes cursos estimulam o desejo e a urgência de propor uma formação docente movente e transformadora, capaz de propiciar ao professor que nela ingressa, as condições de alterar subjetiva e objetivamente a si e ao seu meio.

Discutir, sob a ótica da filosofia, a docência e a avaliação é a intenção de Lúcia Schneider Hardt e Marlene de Souza Dozol, da Universidade Federal de Santa Catarina. As autoras explicam a dualidade da avaliação, considerando as perspectivas de aprendizagem, que ora sendo “inteiro”, possibilita ao professor alcançar seus objetivos e ora, sendo “metade”, apresenta-se como processo não efetivado. Nessa dualidade entre o “inteiro” e a “metade”, a avaliação em sala de aula se caracteriza por uma tensão entre a cultura, materializada pelo professor e as estratégias individuais de aprendizagem dos alunos.

Com o objetivo inicial de verificar o potencial do processo de análise dos resultados da avaliação externa como modalidade de formação permanente de professores no interior de quatro escolas públicas de Educação Básica, Cristovam da Silva Alves, em seu artigo, constata que, embora a análise dos resultados da avaliação externa altere as práticas de planejamento e concepções de avaliação dos professores, esses resultados não estão informando sobre medidas capazes de reverter problemas do fracasso escolar.

Gimenes, Santos e Mariano apresentam os desdobramentos produzidos pelas avaliações externas no estado de Minas Gerais. Por meio de estudo bibliográfico sobre as avaliações em larga escala e da legislação educacional brasileira, buscaram identificar algumas questões sobre o papel do professor frente às avaliações institucionais e como este vem sendo pressionado a contribuir para a melhoria dos índices da escola.

Os dois últimos artigos do Dossiê focalizam a sala de aula e a avaliação da aprendizagem. Carina Copatti, numa associação entre o ensino de Geografia e Educação Estética, defende que avaliar não é somente atribuir notas ou conceitos, mas interpretar habilidades, conhecimentos e limitações. Assim, se essa forma de conceber a avaliação for posta em prática pode ampliar a capacidade de leitura e compreensão de diferentes fenômenos sociais ocorridos no espaço geográfico. Fronza, Haag e Didó compartilham apontamentos sobre concepções de avaliação e suas consequências. Com o foco no cotidiano escolar, denominado pelos autores, de contexto das diferenças, problematizam a avaliação no sentido de compreender de que maneira a linguagem interfere sobre a definição de deficiência intelectual.

Na seção *Entrevista da Revista Olh@res*, Maria Tereza Esteban do Valle, pesquisadora de grande expressão no campo da Avaliação, expõe suas reflexões sobre os múltiplos desafios que se apresentam à área. Em suas considerações, assevera o potencial das pesquisas com o cotidiano para o desenho de novas possibilidades de compreensão dos sujeitos, no processo educacional, e, por conseguinte, de alterações significativas na avaliação. Ao discorrer sobre as implicações da avaliação em larga escala no cotidiano escolar e no trabalho docente e ao dissertar a respeito da relação entre as práticas de avaliação nas licenciaturas e na educação básica, a autora sinaliza a centralidade do campo da avaliação, para o fortalecimento do diálogo entre universidade e escola pública.

Na seção *Relatos de Experiência*, o tema avaliação ainda se faz presente. Ana Lucia Tarouquella Schilke expõe, em seu relato, questões sobre avaliação tendo por base experiências pedagógicas desenvolvidas com um aluno da rede pública de ensino. Identifica ambiguidades presentes nos discursos e nas práticas que podem abrir caminhos que contribuam com uma escola para todos.

Varani, Brito, Medeiros e Silva relatam uma experiência na formação inicial de professores que problematizou os significados atribuídos ao conceito de avaliação pelos estudantes de um curso de Pedagogia. Pauly, Romi e Sarmiento discutem uma experiência de formação continuada de professores da rede municipal de Canoas/RS, identificando contradições políticas nas formas de encaminhamento das políticas de formação.

Na seção *Artigos da Revista Olh@res*, há um conjunto de sete textos. Os quatro primeiros têm como foco principal a formação inicial e continuada de professores. Barbosa, Alfonsi, André e Bachiegga analisam como alunos bolsistas, participantes do PIBID, percebem seu processo de formação e em quais concepções e intenções aportam suas relações com a docência. Santos e Echeverría problematizam o papel do gestor educacional da educação básica tendo por referência a análise das políticas de formação de professores e a busca da qualidade do ensino. Eva dos Reis Araújo Barbosa expõe conclusões sobre os problemas no ensino da Língua Portuguesa, em particular, para alunos surdos, ao analisar uma experiência de estágio curricular. Ana Carolina de Viveiros Beltran, sob a ótica de estudos foucaultianos, explora as relações que professores de escolas públicas de educação infantil estabelecem entre teoria e prática e os possíveis efeitos no seu modo de agir e pensar nos horários coletivos de formação.

Ao tratar de diversos temas, os três últimos artigos encerram essa seção. Casteluber e Resende destacam que a concepção de linguagem e a mediação do professor são fundamentais para o sucesso escolar. Nessa direção, apresentam um estudo que teve como objetivo ressignificar a pesquisa escolar, fortalecendo a figura do aluno pesquisador. Diniz e Rangniao investigaram a identidade cultural de alunos de um curso de engenharia de produção sob a ótica dos que podem ser apontados com potencial elevado no uso de *softwares* e *internet*, consideram que o sucesso escolar dos ingressantes aparenta vir do esforço individual, familiar e das escolas onde estudaram e concluem destacando o importante papel da universidade na promoção da fluência tecnológica. Vanessa Yamaguti, em seu estudo, problematiza o Programa Nacional Biblioteca na Escola e a adoção de história em quadrinhos em seu acervo. Embora identifique problemas no Programa ressalta a importância da inclusão de HQs, por romper uma barreira de preconceitos sobre o gênero que, por um período, foi proibido nas escolas.

Para fechar o volume apresentamos a resenha do livro *Participação e qualidade em educação da infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos*. A principal contribuição desta obra é indicar um caminho bastante distinto daquele que, atualmente, tem sido desencadeado pelos processos de avaliação em larga escala, pelos ranqueamentos das escolas e pelos testes standardizados que parametrizam o conhecimento infantil. Apresenta a avaliação institucional e a formação em contexto como forma de contribuir com a participação democrática e com a construção coletiva da qualidade para a educação das crianças pequenas.

Com esta coletânea, a Revista Olh@res, como espaço especializado de divulgação e discussão crítica de produções científicas interinstitucionais, faz um convite à leitura, com a perspectiva de oferecer elementos para estimular o debate sobre o tema *Avaliação Educacional e Formação de Professores e Gestores da Escola Pública*.

Boa leitura!

Equipe Editorial

Maio de 2014